

Grupos extremistas como um entrave à educação de jovens nigerianas: uma análise do sequestro das estudantes pelo Boko Haram

Extremist groups as an obstacle to the education of Nigerian girls: an analysis of the kidnapping of students by Boko Haram

Los grupos extremistas como barrera para la educación de chicas nigerianas: un análisis del secuestro de las estudiantes por Boko Haram

Ana Laura Machado Pereira*
Anna Clara Klinkerfuss Martins**
Carolina Arida Uescar***

Resumo

O presente artigo pretende realizar um estudo de caso sobre o sequestro das meninas nigerianas pelo Boko Haram, ocorrido em 2014, e tem como objetivo mostrar como a atuação desse grupo extremista viola os direitos humanos das jovens dessa região, dando ênfase ao acesso à educação. Nesse contexto, propõe-se compreender os fatores estruturais que fundamentam as agressões do Boko Haram, utilizando as lentes do feminismo islâmico, do pós-colonialismo e do relativismo cultural. Além disso, é feita uma breve exposição do papel de agência e resistência feminina nesse contexto. A partir de métodos reflexivistas, considerando aspectos interpretativos, históricos e de identidade, conclui-se que a violência praticada pelo grupo é um resultado da estrutura patriarcal e ocidental que a sustenta.

Palavras-chave: Boko Haram. Grupos extremistas. Nigéria. Feminismo Islâmico. Educação. Identidade. Pós-colonialismo.

Abstract

This article aims to present a study-case about the kidnapping of Nigerian girls by Boko Haram, in 2014, and intends to show how the action of this extremist group violates the human rights of young women in that region, emphasizing access to education. In this regard, it is proposed to understand the structural factors that underlie the attacks of Boko Haram, using the lens of Islamic feminism, post-colonialism and cultural relativism. Moreover, a brief presentation of the female agency and resistance in this context is made. Using reflexivist methods, covering interpretive, historical and identity

* Graduanda de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais campus Poços de Caldas. Contato: analaurapmail@gmail.com.

** Graduanda de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais campus Poços de Caldas. Contato: clara.k.martins@gmail.com.

*** Graduanda de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais campus Poços de Caldas. Contato: carolinauescar@gmail.com.

aspects, it is concluded that the violence practiced by the group is a result of the patriarchal and western structure that supports it.

Keywords: Boko Haram. Extremist group. Nigeria. Islamic feminism. Education. Identity. Post-colonialism.

Resumen

Este artículo pretende realizar un estudio de caso sobre el secuestro de niñas nigerianas por parte de Boko Haram, ocurrido en 2014, y tiene como objetivo mostrar cómo el trabajo de este grupo extremista viola los derechos humanos de las mujeres jóvenes en esa región, haciendo énfasis en el acceso a edu-

cación. En este contexto, se propone comprender los factores estructurales que subyacen a los asaltos de Boko Haram, utilizando la lente del feminismo islámico, el poscolonialismo y el relativismo cultural. Además, se realiza una breve presentación del papel de la agencia y la resistencia femenina en este contexto. A partir de métodos reflexivistas, considerando aspectos interpretativos, históricos y de identidad, se concluye que la violencia practicada por el grupo es resultado de la estructura patriarcal y occidental que lo sustenta.

Palabras clave: Boko Haram. Grupo extremista. Feminismo islámico. Educación. Identidad. Poscolonialismo.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo geral analisar como a atuação do grupo extremista Boko Haram tem representado uma violação aos direitos humanos de jovens mulheres na Nigéria. Nesse âmbito, é dado foco principal ao acesso à educação, o qual tem sido limitado e inviabilizado para o público feminino da região. Para isso, a análise se baseia no contexto do sequestro das meninas estudantes realizado pelo Boko Haram em 2014, em uma escola no município de Chibok, localizado no norte da Nigéria. O lema central do grupo extremista é a condenação de qualquer forma de influência que venha do Ocidente, principalmente a educação. Ao observar a discriminação praticada contra garotas, torna-se evidente que a violência baseada no gênero se manifesta nas atitudes praticadas pelo grupo (OGAH; OMAERA, 2016).

É essencial salientar que este artigo busca discutir as condições estruturais que fundamentam as agressões do grupo, considerando o extremismo, o patriarcado e a superioridade de uma cultura ou religião como sendo tais condições. Assim, este trabalho possui natureza reflexivista, pois os métodos aqui utilizados consideram experiências individuais e subjetivas, além de pós-estruturalista, visto que se apoia nas particularidades que constituem grupos ou regiões. Para isso, é levado em consideração o contexto histórico, analisando a formação das estruturas que perpetuam desigualdades, sejam elas culturais ou de gênero.

O desenvolvimento do trabalho será dividido em quatro seções seguidas das considerações finais. A primeira parte busca

apresentar brevemente o contexto do caso analisado, mencionando a atuação do Boko Haram na Nigéria e relatando o sequestro das jovens estudantes. Em seguida, a segunda seção traz a teoria feminista e pós-colonial para analisar o tema. Para isso, a perspectiva do feminismo islâmico será considerada, a fim de mostrar a luta contra uma estrutura que é não somente patriarcal, mas também fortemente ocidental. Ainda, é feita uma reflexão sobre como os grupos radicais fazem uma leitura equivocada e extremista do livro sagrado islâmico, o Alcorão (LIMA, 2017).

Na terceira seção é apontada a relevância da agência feminina sobre a estrutura patriarcal e ocidental, colocando mulheres e meninas não somente como vítimas da opressão, mas também como agentes de resistência. Para isso, será utilizada a Teoria da Estruturação de Giddens, mostrando a relação de co-constituição entre agência e estrutura. Por fim, na última seção, o conceito de identidade cultural será utilizado para analisar a formação da identidade do grupo como extremista. Ademais, o relativismo cultural será usado para estudar a relação do Boko Haram perante os ideais da cultura ocidental.

A atuação do Boko Haram na Nigéria

O fim da Guerra Fria representou para a conjuntura mundial o surgimento de uma nova agenda internacional, marcada por conflitos étnicos e regionais e pela presença de novos atores e ameaças não-estatais. Dentre esses novos atores, o terrorismo fundamentalista religioso manifestou-se como uma questão importante de segurança internacional (DAVID, 2000). Ao analisar a situação nigeriana, observa-se que esse país é um dos territórios que sofre com as atrocidades de movimentos terroristas (OGAH; OMAERA, 2016). A Nigéria possui o maior território do continente africano, marcado por uma significativa diversidade que marca um país multiétnico e culturalmente diverso. Os conflitos étnico-religiosos se intensificaram consideravelmente a partir da década de 1990, devido, principalmente, ao aumento dos desentendimentos entre a população muçulmana e a cristã (LOPES, 2016).

O grupo popularmente conhecido como Boko Haram surgiu, então, em meio a esse contexto turbulento. Boko Haram advém da combinação das palavras “*boko*”, traduzida como “*book*” (livro) e “*haram*”, que significa “*forbidden*” (proibido). A interpretação literá-

ria remete a “livro proibido”, porém o significado refere-se, principalmente, à proibição dos livros e da educação ocidental (ADESO-JI, 2010). A expressão é empregada com a finalidade de designar o que é “proibido ou permitido aos seus adeptos”, relacionando-se a um fanatismo ideológico de segregação. A crueldade do Boko Haram é marcada por assassinatos, sequestros em massa, atentados suicidas, violência sexual e escravidão, fazendo com que algumas interpretações o considerassem o “grupo terrorista mais letal do mundo” (VIGAUD-WALSH, 2016).

Criado em 2002 e realizando ataques na Nigéria desde 2009, o Boko Haram atua como um grupo extremamente violento, sendo as organizações ocidentais e cristãs seus principais alvos. Seus membros passaram a difundir a doutrina de repúdio a tudo que vem do Ocidente na sociedade nigeriana, desde a educação Ocidental até quaisquer influências culturais (OGAH; OMAERA, 2016). De acordo com os princípios estabelecidos por Muhammad Yūsuf, fundador do grupo, os ensinamentos ocidentais são incompatíveis com os ensinamentos islâmicos, o que seria problemático. Isso se deve a vários motivos, sendo alguns deles: a mistura de gênero dentro das salas de aula; o uso de roupas inadequadas, principalmente pelas meninas; as disciplinas e teorias que divergem dos pensamentos de Alá, como a teoria darwinista da evolução (PETERS, 2014).

As leis do Boko Haram são extremamente discriminatórias contra as mulheres, deixando nítida a forte utilização da violência baseada no gênero. Observa-se o direcionamento da violência e abuso às meninas e, principalmente, à educação de meninas (PETERS, 2014). Desde 2009 o grupo intervém no sistema educacional do nordeste da Nigéria, mostrando-se contrário à ideia de meninas frequentarem escolas e provocando, assim, impactos negativos na educação das jovens nigerianas. Como tentativa de impedir esse acesso, seus membros frequentemente cometem ataques como sequestros de meninas a caminho da escola, assassinatos de professoras e destruição de escolas (JODA; ABDULRASHEED, 2015).

No dia 14 de outubro de 2014, o grupo terrorista sequestrou 276 jovens nigerianas, com idades entre 16 e 18 anos, dentro de uma escola no município de Chibok, na Nigéria. A escola permanecia fechada, receando um ataque terrorista, porém foi aberta para a realização da prova do *West Africa Examination Council*, organização empregada para emitir certificados de ensino. Os combatentes do Boko Haram fingiram ser soldados e transportaram as meninas

em caminhões, enquanto tentavam convencê-las de que estariam indo para um lugar seguro. Duas semanas após o sequestro, um vídeo foi lançado pelo grupo, alegando sua responsabilidade pela operação. Um dos líderes, ao defender seus motivos para o ataque contra as meninas, afirmou que “a educação ocidental é pecado, é proibida, e as mulheres devem se casar” (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014). Além disso, ainda foi declarado que as meninas seriam vendidas para se casarem com aliados do grupo e militantes, o que também caracteriza o sequestro como um crime de estupro e escravidão (LOPES, 2016).⁴

A repressão do Boko Haram por uma visão feminista islâmica e pós-colonial

A fim de analisar, por aspectos teóricos, a atuação do Boko Haram na restrição do acesso à educação para meninas, a teoria feminista é utilizada aqui, para refletir a desigualdade de gênero que tange situações como a que ocorre na Nigéria. Tal perspectiva é escolhida pois tem como ponto central, em sua abordagem contemporânea, as questões de identidade, as quais não são tidas como relevantes nas teorias tradicionais das Relações Internacionais. Historicamente, o desenvolvimento dos estudos da política internacional e das correntes teóricas foi pautado em experiências masculinas, o que faz com que feministas considerem que a epistemologia das correntes tradicionais seja *gendered*, ou seja, dotada de gênero (TICKNER, 1996).

Dessa forma, o conhecimento acerca da identidade das mulheres é socialmente construído, com base na falta de autonomia e independência feminina. Portanto, o conceito de gênero também se torna uma construção social, que “[...] reflete um padrão de papéis sociais conferidos a homens e mulheres. Não são papéis

4. Essa situação de discriminação contra as mulheres e a restrição ao acesso de meninas aos estudos pode ser analisada, também, no caso de Malala no Paquistão. Com a ascensão do grupo extremista conhecido como Talibã, os anos entre 2007 e 2009 foram marcados por muita violência e retrocesso de direitos. No começo de 2008, o Talibã proibiu meninas de terem acesso à educação. A jovem paquistanesa, desde a infância, lutou pelos direitos das meninas, sobretudo pelo direito de estudarem e garantirem um futuro adequado. Sendo uma ativista conhecida mundialmente, a garota virou alvo de ameaça e ataque do grupo radical. No dia 9 de outubro de 2012, Malala e mais duas amigas foram baleadas pelos extremistas, ao voltarem da escola. Esse atentado pode ser interpretado como uma tentativa do Talibã de silenciar sua voz e sua luta (SILVA; GEQUELIN, 2017).

conquistados, mas impostos numa óptica patriarcal, que revela uma relação de poder e subordinação do homem sobre a mulher.” (KNIPPEL; AESCHLIMANN, 2017, p. 61). A desigualdade é fruto, então, dessas construções que se impõem na coletividade. Consequentemente, a teoria feminista tenta promover o empoderamento das mulheres e romper com os paradigmas que reforçam a discriminação de gênero.

A disparidade entre gênero feminino e masculino no que tange o acesso à educação tem destaque principalmente na África Subsaariana (UNESCO..., 2018), o que se relaciona com a presença dos grupos radicais que reprimem os direitos fundamentais das meninas, evidente na atuação do Boko Haram na Nigéria. Situações como essa ocorrem dentro de variados contextos que constituem diferentes sociedades, pois há uma multiplicidade de formas em que a violência de gênero pode incidir sobre mulheres nos diversos lugares do mundo. Representar as culturas como homogêneas é uma característica do Orientalismo que é reproduzida na literatura feminista *mainstream* que, assim como a maioria dos estudos canônicos das Relações Internacionais, foi produzida no Ocidente (LEE; SHIMABUKO; HIGA, 2018; SALEM, 2013). O orientalismo aqui colocado é um conceito definido por Edward Said (1996) como:

A instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: [...] um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (SAID, 1996, p. 15).

A fim de considerar, então, a representatividade feminina dentro das comunidades específicas citadas e, visto que o grupo extremista em questão prega uma interpretação radical do islamismo, o Feminismo Islâmico será utilizado para analisar o contexto dentro de sua particularidade. Afinal, torna-se fundamental distinguir os ativismos próprios de cada grupo, pois nem sempre as reivindicações de um representam as de outro. Essa vertente surge, assim, como perspectiva pós-colonial que se contrapõe à ocidentalização imposta nos países menos desenvolvidos e colonizados pelas nações imperialistas. Traz um ideal de identificação cultural, buscando elaborar narrativas que desviem de um discurso universalizado e formem uma agenda que represente as diferentes experiências que configuram o caráter heterogêneo do feminismo (LIMA, 2017; SALEM, 2013).

Esse movimento é, ao mesmo tempo, político e religioso, visto que rejeita as ações discriminatórias sobre as mulheres, mas luta pelo resgate da identidade cultural religiosa. Dessa forma, o argumento do Feminismo Islâmico é o de que a ideologia e o poder patriarcal são os responsáveis por essa violência de gênero, perpetuando uma visão distorcida da religião islâmica (LIMA, 2017). Portanto, enquanto o Boko Haram utilizou da conversão ao islamismo para justificar seu sequestro das meninas de Chibok, além de sujeitá-las a abusos sexuais e casamentos forçados (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014), para a perspectiva feminista islâmica essa é uma interpretação radical do Islã.

Destarte, a agressão do grupo nigeriano contra as garotas expressa uma questão que pode ser analisada de forma comportamental: devido a uma conduta divergente da que é definida como ideal por esses radicais – que são homens –, legitima-se o controle masculino sobre o corpo feminino (MACHADO, 2001). Nesse sentido, pode-se entender que os comportamentos sociais são construídos por um conhecimento coletivo, baseado em entendimentos e interpretações, que gera padrões e justifica a motivação das ações individuais (ADLER, 1999). A maneira como o Boko Haram construiu seu entendimento acerca da forma como meninas devem agir é, portanto, baseada em sua interpretação radical e machista do Islamismo que estruturou as ações de violência e repressão cometidas.

É nesse sentido que se fundamenta a luta feminista islâmica, buscando romper as raízes de uma estrutura que, além de patriarcal, é ocidental, e utilizar fontes religiosas para afirmar a identidade do grupo que é, sobretudo, muçulmana (LIMA, 2017). Por conseguinte, essas feministas fazem a distinção entre o Islã e as práticas machistas, argumentando que o livro sagrado do Islamismo, o Alcorão, não proíbe mulheres de terem seus direitos garantidos e não incentiva a desigualdade. A assimetria de gênero que está presente na *Xaria*⁵ muçulmana é uma construção, feita por homens, de um entendimento rígido e equivocado do Alcorão (NETO, 2006).

Portanto, a produção de conhecimento feita nos moldes do feminismo ocidental facilitou um entendimento que supõe que a religião islâmica é inerentemente patriarcal, criando uma categori-

5. *Xaria*, na religião islâmica, é o caminho a ser trilhado de acordo com o conjunto de ordens que o Criador dirige aos fiéis (NETO, 2006, p. 33)

zação da mulher do “terceiro mundo” como automaticamente oprimida (SALEM, 2013), desconsiderando a escolha de muitas dessas mulheres em adotar certa religião e defendê-la. O Feminismo Islâmico e o Pós-Colonialismo mostram a importância, para estudar as relações internacionais, de se analisar as identidades considerando a singularidade de cada grupo ou região em seu contexto particular, a fim de desconstruir estereótipos de uma estrutura que marginaliza indivíduos de acordo com sua cultura ou gênero.

#BringBackOurGirls: o poder de agência feminina sobre a estrutura

Com o intuito de analisar o protagonismo feminino dentro de um sistema aqui considerado como patriarcal e ocidental, a Teoria da Estruturação é trazida para explicar a relação de constituição mútua entre agência e estrutura. De acordo com Anthony Giddens (2003), precursor da teoria, essas duas unidades são de igual importância, o que faz com que uma não se reduza a outra. Ou seja, ator e estrutura têm implicações mútuas, pois a sociedade não é apenas uma criação da agência humana e nem existe independentemente dela. Configuram, então, uma relação de co-constituição. A estrutura, nesse sentido, é composta por uma dualidade: pode constranger ou encorajar determinada ação (GIDDENS, 2003).

É evidente nos acontecimentos aqui analisados que o acesso à educação e o direito de se manifestar das meninas são limitados por uma estrutura, imposta pelo Boko Haram, que perpetua o machismo, assim como os padrões ocidentais também reprimem a representação da mulher oriental. Entretanto, ressalta-se o encorajamento da atuação feminina, causa defendida pelo Feminismo Islâmico e pelos movimentos de resistência de mulheres na África. Representando a causa feminista⁶ na defesa do poder de agência, Carolina Lee, Gabriela Shimabuko e Lais Higa (2018) defendem que: “se conhecemos e nos reconhecemos com nossas ancestralidades [...], nosso curso ancestral não será instrumento de uma lente orientalista que nos silencia, nem de um machismo que se justifica através de gerações.” (LEE; SHIMABUKO; HIGA, 2018, p. 332).

6. O Feminismo defendido pelas autoras é o Asiático, porém, é aqui utilizado pois também representa uma vertente feminista que não pertence ao mundo ocidental e busca sua emancipação desse.

Considerando que indivíduos são atores capazes de transformar a sociedade em que vivem, o processo de realizar uma transformação evita a reprodução dos padrões internalizados historicamente na sociedade (GIDDENS, 2003). É nesse contexto que se encontra o poder da ação individual das mulheres, que se reservam no direito de modificar o “tradicional” para conquistar uma identidade que as emancipa e não as subjuga (LEE; SHIMABUKO; HIGA, 2018). A atuação feminina pôde ser observada, então, na campanha *#BringBackOurGirls* (“tragam nossas garotas de volta”), que surge após o sequestro do Boko Haram e atingiu grande repercussão pelo mundo todo.

A campanha ganhou força nas redes sociais e, de início, planejava apenas um protesto em Abuja, capital da Nigéria. Porém, o movimento se espalhou e muitas manifestações pela libertação das meninas foram organizadas, reivindicando ação política pelo governo nigeriano. O quadro da violência de gênero no país já era alarmante e, com a atuação do grupo extremista, se tornou ainda pior (LOPES, 2016). Visto que a agressão não ocorre apenas de forma física, a impossibilidade de se ter acesso à educação também é uma violência que fere a dignidade humana. Logo, as ativistas africanas se motivaram a demonstrar resistência e incentivar mulheres de outras regiões a se mobilizarem pela causa.

A necessidade de reconhecer a capacidade de agência feminina se dá, também, para romper com uma concepção das mulheres como indefesas por serem incapazes de exercer uma resposta diante de uma violência política e sexual, além de: “[...] vítimas passivas dos conflitos armados, deixando a agência e a autonomia em mãos masculinas. A narrativa tradicional dos conflitos armados tem construído a figura da mulher desprotegida que deve ser objeto de proteção” (ARIÑO, 2010, p. 12, tradução nossa)⁷. Diante disso, a perspectiva de gênero nos conflitos não deve ser pautada apenas na condição de vítima, mas também na de agência sobre esse contexto, reconhecendo que a mulher, mesmo enquanto principal alvo dessa agressão, também é símbolo de resistência (ARIÑO, 2010).

Ao mesmo tempo em que conflitos armados são um processo de “destruição”, são também um estímulo para a mobilização

7. [...] víctimas pasivas de los conflictos armados, dejando la agencia y la autonomía en manos masculinas. La narrativa tradicional de los conflictos armados ha construido la figura de la mujer desvalida que debe ser objeto de protección.

contra a violência, gerando capacitação e conscientização (ARIÑO, 2010). Essa relação exemplifica a dualidade da estrutura, como supracitado, visto que um contexto de violência é capaz de impulsionar uma resposta que o combata, assim como a *#BringBackOurGirls* e a resistência de mulheres em outros lugares do mundo em que atuam grupos com práticas machistas. Portanto, é fundamental reconhecer a importância da educação para a formação das meninas, para que adquiram conhecimento sobre seus direitos e participem, futuramente, como agentes da sociedade em que vivem (KNIPPEL; AESCHLIMANN, 2017).

Portanto, conforme a abordagem de Giddens (2003) supracitada, a estrutura patriarcal e ocidental não só constrange como também encoraja a agência das mulheres no contexto analisado. Isso porque a constante agressão sofrida pelas meninas reside em uma estrutura machista que, mesmo as oprimindo, também impulsionou movimentos de resistência como o *#BringBackOurGirls*. A tentativa de romper com a reprodução dos padrões machistas internalizados na sociedade se mostra presente no movimento feminista islâmico e na campanha internacional aqui tida como exemplo. Conforme a teoria da estruturação, esse tipo de atuação gera a possibilidade de transformar a sociedade, e é essa a luta das mulheres que protestam contra a violência da qual as nigerianas – e o gênero feminino, no geral – são vítimas.

Identidade e relativismo cultural na análise do sequestro pelo Boko Haram

Para abrir uma discussão antropológica sobre o tema, é necessário estabelecer que o ideal do grupo extremista Boko Haram e toda sua atuação na Nigéria advêm, principalmente, da construção identitária do grupo em questão, que se deu pela total contraposição a qualquer atividade cultural que seja ocidental e católica. Por consequência, o país fica dividido religiosamente entre católicos e muçulmanos, sendo essa visão de repúdio ao Ocidente propagada pelos adeptos do grupo radical. Sendo assim, a partir de uma ideia sobre relativismo cultural e identidade cultural, faz-se aqui uma análise a respeito do caso dessas meninas, abrindo espaço para controvérsias ao esbarrar, de um lado, no significado destes conceitos e, de outro, na ideia de igualdade de gênero que se propaga no mundo atual.

Primeiramente, adotando a ideia de identidade cultural, Kenia Kemp afirma que “só nesse contato com a diferença é que se podem construir noções sobre identidade. Enquanto não se deparar com o “outro”, em sua alteridade, não se pode abandonar a perspectiva que naturaliza a cultura e as identidades que ela produz” (KEMP, 2006, p. 75). Ou seja, foi necessária a aproximação do catolicismo e do islamismo para se criar o pré-conhecimento que se tem de cada. Dessa forma, as atitudes de repulsa quanto à religião católica e ao Ocidente que o Boko Haram admite, pelo contato e pela experiência que o grupo radical teve com o outro lado, chegando no que hoje se estabelece a respeito do grupo.

Outra abordagem do conceito de identidade cultural é aquela com relação ao gênero biológico, ou seja, ao sexo feminino e masculino. “Dirigimos nossa conduta orientados pelo cenário social que se forma nas várias situações” (KEMP, 2006, p. 79), ou seja, a cultura islâmica estabelece que existem papéis sociais específicos que serão atribuídos ao homem ou à mulher, e como já se sabe, neste contexto, mulheres devem adotar um papel submisso com relação ao homem. Diferentemente das práticas extremistas do grupo terrorista Boko Haram, existem países adeptos da religião islâmica que propagam posições mais liberais com relação às mulheres.

Em outra ocasião, o conceito de relativismo cultural estabelece que cada cultura é formada a partir de sistemas próprios de valores e de integridade cultural, não aceitando que se estabeleça valores e normas absolutas, sendo necessário analisar os casos a partir da visão própria da cultura e de seus valores (MARCONI; PRESOTO, 2010, p. 31-32). De acordo com esta concepção, deve-se considerar as atitudes do Boko Haram apenas pelo viés de religião islâmica que eles adotam, sendo necessário pensar sobre o sequestro das meninas nesta concepção. Entretanto, já que as meninas seguiam a religião católica, a atitude tomada pelo grupo é contrária ao que elas acreditavam e seguiam na sua vida, afetando, também, a ideia básica de direitos de igualdade de gênero que estabelece o feminismo e à ideia de liberdade que cada um tem de seguir seus ideais e de professar a religião de escolha.

Como admitido anteriormente, o sequestro realizado no município de Chibok, na Nigéria, foi articulado pelo Boko Haram e raptou cerca de 276 jovens meninas de uma escola católica que havia sido aberta com o propósito de realizar uma prova de avaliação e certificação de ensino. O sequestro visava converter a religião das

meninas, vendendo-as para que pudessem se casar com homens e para que se mantivessem nos padrões islâmicos adotados pelo grupo extremista. Caso não aceitassem, as meninas sofreriam punições (LOPES, 2016). Este caso não pode ser admitido como um ato do grupo extremista por ser um grupo islâmico, é necessário que se julgue levando em consideração o crime que cometeram em relação às meninas usando de justificativa uma adaptação radical da religião islâmica.

Além disso, outra abordagem possível do relativismo cultural é usada de maneira positiva e se pensa com relação às mulheres e como elas se sentem fazendo parte da religião islâmica. Não considerando a ideia radical propagada por grupos semelhantes ao Boko Haram, não se deve julgar e estabelecer que a culpa é da religião, mas sim que as pessoas fazem um uso equivocado dela, ou seja, adeptos de grupos extremistas devem ser os culpados por usarem da religião pacífica e da crença das pessoas como meio para atingir suas realizações pessoais.

Com relação à mulher, existem análises a respeito da sua posição e como elas não adotam as ideias por obrigação, como afirma Lila Abu-Lughod em seu artigo “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros” (ABU-LUGHOB, 2012), por exemplo, a respeito do uso de uma “cobertura”, como a burca. Como utilizado pela autora, “a utilização desse tipo de cobertura significa pertencimento a uma comunidade particular e participação em um modo de vida moral no qual as famílias são o centro da organização das comunidades e a casa é associada com a santidade da mulher” (ABU-LUGHOB, 2012, p. 457). Neste caso, a possibilidade de se pensar uma cultura através dela mesma e tentar entendê-la, ao invés de julgá-la, é fundamental, visto o preconceito ocidental com relação a essa indumentária.

A partir disto, Lila adota um pensamento importante sobre como o Ocidente pensa a respeito das roupas, sendo que existem situações mais importantes para se criticar do que o vestuário, “talvez seja hora de desistir da obsessão americana com o véu e focar em questões mais sérias com as quais as feministas e outras deveriam de fato estar preocupadas.” (ABU-LUGHOB, 2012, p. 460). Ao citar as feministas, pode-se pensar no caso das meninas do Chibok e, ao invés de se preocupar com questões rasas como o vestuário das mulheres, deve-se considerar a situação das meninas e mulhe-

res que vivem ameaçadas por grupos extremistas. Como estabelecido no presente artigo, pode-se dar uma relevância a educação e como meninas são privadas de se engajarem na área acadêmica e até da educação básica simplesmente por serem, biologicamente, do sexo feminino.

Conclusão

Ao analisar a atuação do grupo extremista Boko Haram na Nigéria, impedindo o acesso de meninas à educação, tornou-se evidente a necessidade de avaliar tal contexto considerando as particularidades que o envolvem. A partir da análise feita, conclui-se que a segurança das meninas e mulheres no Norte da Nigéria é ameaçada pela atuação de grupos extremistas, pois existe uma ameaça à integridade física e psicológica e uma impossibilidade de garantir os próprios direitos quando se trata do gênero feminino.

Diante disso, a teoria feminista se faz necessária para compreender a violência nesse contexto, inserida em uma estrutura machista que perpetua um entendimento do gênero feminino como sendo, naturalmente, submisso e inferior. Ainda, a fim de prezar pela particularidade das mulheres que pertencem a um grupo religioso ou regional específico, é imprescindível considerar os fatos a partir do Feminismo Islâmico, dando visibilidade para a voz do público diretamente atingido com os eventos exemplificados no artigo.

Além da característica patriarcal do sistema, também se mostrou de suma importância enfatizar a questão cultural e identitária que define a estrutura. Compreender a distinção que existe nas relações entre Ocidente e Oriente é necessário para não julgar a cultura oriental com base em preceitos alheios a essa realidade, devendo-se levar em consideração o relativismo cultural. Pôde ser comprovado, aqui, como o entendimento que um grupo tem sobre determinado assunto é capaz de construir identidades e estruturar ações, visto que o Boko Haram interpreta o islamismo de forma radical e reflete isso em suas ações violentas.

Por fim, pode-se constatar também que, a despeito da repressão sofrida pelas mulheres, o poder de atuação feminina também está em pauta. Os movimentos de resistência feminina aos contextos de violência política e sexual analisados, como na campanha *#BringBackOurGirls* e nos protestos que foram organizados

em regiões africanas, são um exemplo disso. A estrutura, mesmo favorecendo a violência de gênero, também é capaz de encorajar a agência das mulheres, que buscam combater a atuação de grupos extremistas e romper, assim, com as raízes que caracterizam a realidade machista em que se encontram.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 451-470, ago. 2012.
- ADESOJI, Abimbola. The Boko Haram Uprising and Islamic Revivalism in Nigeria. **Africa Spectrum**, [S.l.], v. 45, n. 2, p. 95-108, jan. 2010.
- ADLER, Emanuel. O Construtivismo no Estudo das Relações Internacionais. **Lua nova**, São Paulo, n. 47, p. 201-239, 1999.
- ARIÑO, María V. La violencia sexual como arma de guerra. **Quaderns de Construcció de Pau**, Barcelona, n. 15, p. 1-13, set. 2010.
- DAVID, Charles Philippe. **A Guerra e a Paz**: abordagens contemporâneas da segurança e da estratégia. [S.l.]: Instituto Piaget, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HUMAN RIGHTS WATCH. “**Those Terrible Weeks in their Camp**”: Boko Haram Violence against Women and Girls in Northeast Nigeria. 2014. Disponível em: http://features.hrw.org/features/HRW_2014_report/Those_Terrible_Weeks_in_Their_Camp/#appendix_1. Acesso em: 29 abr. 2019.
- JODA, Fatima M.; ABDULRASHEED, Olowoselu. Effects of insurgency on girls education in north eastern Nigeria. **European Journal of Education and Development Psychology**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 44-50, mar. 2015.
- KEMP, Kênia. Identidade Cultural. In: GUERRIERO, Silas. **Antropos e psique**: O outro e sua subjetividade. 7 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- KNIPPEL, Edson Luz; AESCHLIMANN, Maria Carolina de Assis Nogueira. Educação e equidade de gêneros. **Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará**, Ceará, v. 15, n. 2, p. 59-85, 2017.
- LEE, Carolina Rica; SHIMABUKO, Gabriela Akemi; HIGA, Laís Miwa. Feminismo asiático. In: HOLLANDA, H. **Explosão Feminista**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 325-342.
- LIMA, Valdecila Cruz. **Feminismo Islâmico**: mediações discursivas e limites práticos. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- LOPES, Larissa Nunes. **A violência do Boko Haram contra as mulheres na Nigéria**: uma análise feminista e pós-colonial do sequestro das meninas de Chi-

bok. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, João Pessoa, 2016.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. **Série Antropologia**, Brasília, v. 290, p. 1-33, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: Uma Introdução**. 7 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2010.

NETO, Antonio Augusto Machado de Campos A Charia Muçulmana. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 101, p. 33-70, jan./dez. 2006.

OGAH, Clement A.; OMAERA, Osakue Stevenson. Boko Haram como agente provocador de desestabilização e destruição na Nigéria: A verificação da mídia. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**. v.1 n.1 2016

PETERS, Michael Adrian. 'Western education is sinful': Boko Haram and the abduction of Chibok schoolgirls. **Policy Futures in Education**, [S.l.], v. 12, n. 2, jan./fev. 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2304/pfie.2014.12.2.186>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SALEM, Sara. Feminist critique and Islamic feminist: the question of intersectionality. **The Postcolonialist**, v. 1, n.1, p. 1-8, 2013.

SILVA, Nazaré Aleixo da; GEQUELIN, Rosângela Lúcia; CAMPOS, Elza Maria. Malala Yousfzai – Inspiração para a defesa dos Direitos Humanos e da igualdade de gênero. In: **Evento de Iniciação Científica**, n. 12, [S.l.], out. 2017.

TICKNER, Judith Ann. Identity in International Relations Theory: Feminist Perspectives. In: LAPID, Yosef; KRATOCHWIL, Friedrich. **The Return of Culture and Identity in IR Theory**. London: Lynne Rienner, 1996, p. 147-162.

UNESCO e Atlas of Gender Inequality in Education. Montreal: **UNESCO Institute for Statistics**. Disponível em: <https://www.tellmaps.com/uis/gender/#!/tellmap/-1195952519>. Acesso em: 29 abr. 2019.

VIGAUD-WALSH, Francisca. Nigeria's displaced women and girls: humanitarian community at odds, Boko Haram's survivors forsaken. **Refugees International**, [S.l.], abr. 2016. Disponível em: www.refugeesinternational.org. Acesso em: 30 abr. 2019.

Recebido em: 13/06/2019

Aprovado em: 18/05/2020